

FABULAÇÃO FEMINISTA: A MUDANÇA DE PARADIGMA NA FICÇÃO ESCRITA POR MULHERES

FEMINIST FABULATION: THE PARADIGM SHIFT IN FICTION
WRITTEN BY WOMEN

*Taís Alves Teixeira*¹
*Tiago Rodrigues Moreira*²
*Fernanda de Faria Viana Nogueira*³

Resumo:

A partilha de um paradigma é essencial para a construção do conhecimento científico. Com base nas premissas estabelecidas por Thomas Kuhn, é possível observar a construção de paradigmas que pautam a ciência desde sua gênese. Esses paradigmas não estão descolados das estruturas sociais, e reverberam uma objetividade e afastamento no fazer científico, obliterando múltiplas experiências, dentre elas, a experiência de ser mulher. A literatura de ficção feita por mulheres pode nos ajudar a observar isso à medida que abre uma ferida na qual a ciência se pauta: o afastamento, a falta de compromisso e a ausência de um corpo na escrita são manifestações de uma objetividade que não se compromete. Partindo dessa problemática, nos aproximamos da literatura feita por mulheres como fabulação que nos aproxima e também denuncia o que acontece no real, borrando as fronteiras previamente estabelecidas. Sob a luz do pensamento feminista, reivindicamos a urgência de um deslocamento, de um nascer de outros paradigmas científicos para a construção de um conhecimento situado e corporificado.

Palavras-chave: Thomas Kuhn; literatura; teoria feminista; ciência; auto-ficção.

Abstract:

The sharing of a paradigm is essential for the construction of scientific knowledge. Based on the premises established by Thomas Kuhn, it is possible to observe the construction of paradigms that guide science since its genesis. These paradigms are not detached from social structures, and reverberate an objectivity and remoteness in the scientific making, obliterating multiple experiences, among them, the experience of being a woman. Fiction literature written by women can help us observe this as it opens a wound on which science is based: the estrangement, the lack of commitment, and the absence of a body in the writing are manifestations of an objectivity that does not commit itself. Based on this problematic, we approach literature made by women, as a fabrication that brings us closer and also denounces what happens in reality, blurring the previously established boundaries. Under the light of feminist thought, we claim the urgency of a displacement, of the birth of other scientific paradigms for the construction of a situated and embodied knowledge.

Keywords: Thomas Kuhn; literature; feminist theory; science; autofiction.

¹ Mestranda em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela UNICAMP-FCA.
E-mail: t235001@dac.unicamp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7851-9991>

² Doutorando em Geografia no Instituto de Geociências, Unicamp.
E-mail: t229845@dac.unicamp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1307-4602>

³ Doutoranda em Geografia no Instituto de Geociências, Unicamp.
E-mail: f262924@dac.unicamp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5848-4851>

Introdução

*As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande
(LORDE, 2019, p.135).*

A ciência tradicional positivista tem por premissa fazer suas edificações e postulações baseadas em estruturas que radicalmente levam em consideração a objetividade do problema em si, gerando uma automatização dos fenômenos a serem circunscritos. Gergen (1993), na contramão da objetividade científica, levanta algumas questões que nos ajudam a pensar na não objetividade da ciência. Colocar em deslocamento o fazer científico passa ser também o compromisso de estabelecer um olhar atento ao distanciamento da vida do(a) autor(a) com a obra, a imperiosidade da ciência como um mastro erguido a ser seguido, até a descontextualização do fenômeno em prol de uma ciência neutra.

Desse modo, essas características levantadas por Gergen (1993) nos colocam na fissura dos paradigmas e da escrita de si no movimento de fabulações a partir da auto-ficção. Pois, como salienta Paiva (1997, p. 519), “o ideal de cientificidade é constituído a partir dos princípios da objetivação, da experimentação e da matematização”, perfazendo assim, uma dificuldade de interlocução com quem se encontra nas margens da ciência.

A auto-ficção nos abre a possibilidade do que aqui, reverberando as vozes de autores da literatura e do pensamento feminista, nomearemos como urgência de aproximação da escrita com a vida de forma comprometida. Por isso, nos comprometemos também enquanto autores em assumir uma postura que rompa com os paradigmas previamente estabelecidos. Com isso, encaramos o desafio de uma escrita encarnada que coloca a experiência no cerne do texto, fazendo com que esse artigo seja escrito e constituído por três mãos que estabelecem um “nós” ao mesmo passo que também faz surgir um “eu” situado nas próprias experiências.

Por isso, pensar paradigmas não dominantes, relacionando-os com a literatura escrita por mulheres, é o desafio que aceitamos partindo da leitura de obras literárias distintas, que instigam debates a respeito de perspectivas feministas. Mesmo que as autoras não tenham declarado explicitamente relação ou mesmo a intenção de tal aproximação, optamos por realizar este exercício como meio de compreender como paradigmas não dominantes podem emergir, para que assim, possamos dar nome ao que não tem.

Com isso, partimos da leitura de “O conto da aia” de Margaret Atwood, “O ano que morri em Nova York” de Milly Lacombe e “A hora da estrela” de Clarice Lispector, para pensar nos potenciais paradigmas não dominantes que estas obras apresentam. Priorizamos, neste trabalho, a polifonia que é impulsionada pelas diferentes perspectivas dessas mulheres, que em seus saberes localizados, ao assumir um compromisso com a escrita a partir de si, também fazem ecoar de forma coletiva as inquietações que nos levam a novos paradigmas (HARAWAY, 1995).

A proposta kuhniana de pensar os paradigmas, estabelece pontes de diálogos entre o fazer científico e o conhecimento produzido. Kuhn conceitua por paradigma “as realizações científicas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2001, p.13).

Por isso, estabelecer diálogos entre o fazer científico e o conhecimento produzido estabelece, portanto, a adoção imediata de um paradigma, pois um paradigma poder ser “aquilo que os membros de uma comunidade partilham e,

inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” (KUHN, 2001, p. 219).

Thomas S. Kuhn, físico e historiador da ciência estadunidense, ao observar as controvérsias sobre os fundamentos científicos na Sociologia e na Psicologia, buscou descobrir a origem dessa diferença relacionando-a com as ciências exatas e biológicas. Passando a considerar como paradigmas “[...] as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2001, p. 13). Esta espécie de acervo do conhecimento possibilita a realização de uma pesquisa por uma dada comunidade científica e assim como todo acervo, ele é vivo e mutável, o que nos faz compreendê-lo como parte do processo histórico com permanências e rupturas.

Na perspectiva de Kuhn (2001) a refutação de uma teoria se relaciona com dados instáveis que possibilita movimentos e crises dentro de uma dada comunidade científica, o que inevitavelmente leva a mudança no pensar e nas estratégias. A disputa por poder também se faz presente nesse processo, ao passo que, refutar uma teoria diz respeito as dinâmicas de poder saber. Os pensamentos feministas buscam estar atentos a essas dinâmicas, pois é nessas disputas por novas teorias que emergem possibilidades de rupturas com velhas práticas científicas marcadas pelo pensamento misógino, racista e heteronormativo.

A contribuição dos estudos feitos por Thomas Kuhn possibilita e tem reverberações no campo dos estudos feministas, pois, a partir do autor podemos também compreender como a ciência é marcada por um jogo de forças epistemológicas. De modo que, nesse artigo, buscamos demonstrar essa disputa relacionada ao paradigma dominante na ficção científica, que tem sido instabilizado por pensadoras e pensadores feministas, ao evidenciar sua fragilidade quando as histórias são escritas por mulheres. Estas e estes pensadores têm apostado na ideia de fabulação como algo que melhor explica a sensação de aproximação com o real.

Neste sentido, o que os estudos feministas fazem é questionar o que consta no acervo científico que serve como paradigma para a construção do conhecimento. Uma obra que nos auxilia na compreensão da interpelação dos paradigmas científicos é “Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial” de Ochy Curiel (2020). A autora demonstra que a partir do questionamento feito pela filósofa estadunidense da ciência Sandra Harding, no texto: “A instabilidade das categorias analíticas nas teorias feministas” de 1993, a lógica masculina na ciência e a ausência de reflexividade como forma de questionar atitudes objetivista que visam o fazer da ciência de maneira asséptica, sem se atentar a aspectos como, crença, práticas culturais, raça, classe e gênero. Muito bem levantado pela autora que as filosofias tradicionais da ciência assumem “uma imagem anacrônica do pesquisador como um gênio isolado da sociedade, selecionando problemas para pesquisar, formulando hipóteses, criando métodos para testar as hipóteses, recolhendo dados e interpretando os resultados da investigação” (HARDING, 1993, p. 26).

Donna Haraway (1995), bióloga e pesquisadora da história da ciência, por sua vez, segue os passos de Harding na crítica às permanências no modo de fazer ciência e acrescenta a importância do ponto de vista e a historicização dos pesquisadores e das pesquisadoras. Na chave do pensamento do feminismo negro, a teórica Patricia Hill Collins na obra: *Pensamento Feminista Negro. Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento* (2019) acrescenta ao ponto de vista

novos componentes, sendo eles; as experiências político-econômicas e a consciência feminista negra sobre a realidade material. Ou seja, o que tais pensadoras do feminismo buscam fazer é justamente questionamento dos paradigmas impostos pela ciência.

Nesse sentido, o que Marllen S. Barr (1992), teórica de comunicação e mídia faz na obra “Fabulação feminista Espaço/Ficção pós-moderna” é apostar na substituição do gênero literário ficção-científica para fabulação quando for escrita por mulheres. Pois, segundo a autora, as fantasias produzidas por este segmento social carregam um poder subversivo com caráter metaparadigmático de modo que passamos a compreender que o patriarcado não é ficcional. A autora parte da contribuição do crítico literário Robert Scholes, o qual define fabulação da seguinte maneira, “ficção que nos oferece um mundo clara e radicalmente descontínuo daquele que conhecemos, mas volta a confrontar esse mundo conhecido de alguma forma cognitiva” (SCHOLES apud BARR, 1992, p. 47). É a partir dessa mudança de paradigma que realizaremos o exercício de confabulação com as autoras.

Faremos esse movimento de diálogo e mergulho com a literatura escrita por mulheres para trazer uma pluralidade de vozes ao que consideramos ser urgente para (re)contar as histórias e trajetórias que o mundo nos traz. Caminhando nas entrelinhas das autoras que aqui abordaremos, observamos a urgência de pensarmos novos paradigmas na ciência, considerando as experiências das escritas encarnadas feitas por mulheres. A reivindicação, dessa forma, ecoa em um deslocamento do pensamento e da escrita científica, que pode e deve aprender com as literaturas aqui apresentadas.

(Con)fabulando

Gostaria de acreditar que isso é uma história que estou contando. Preciso acreditar nisso. Tenho que acreditar nisso. Aquelas que conseguem acreditar que essas são apenas histórias têm chances melhores.
(ATWOOD, 2017, p.52).

No verão de 2022 esperava minha companheira sair de uma consulta ginecológica. A sala de recepção do hospital estadual Pérola Byington, centro de referência de saúde da mulher na cidade de São Paulo, estava cheia de acompanhantes e pacientes que, assim como eu, olhava para um *display* com frases motivacionais intercaladas por senhas e avisos de protocolos de segurança para a COVID-19. Algo chamava minha atenção naquela situação, parecia que estava em uma reunião com desconhecidos onde todos tinham em comum a ansiedade por um diagnóstico, resultado ou alta. De modo que, acompanhantes partilhavam uma espécie de preparação para o acolhimento das pacientes. Somado a essa tensão que pairava no ambiente havia alguma coisa acontecendo, o *display* exibia datas que intercalavam décadas do século XX, por exemplo: 20 de fevereiro de 1965 ou 20 de fevereiro de 1987... Era algo curioso que me fazia desligar por alguns instantes daquele ambiente.

Costumeiramente caminho levando uma mochila com livros e uma espécie de “kit de sobrevivência” para momentos fora de casa na cidade que envolvem filas intermináveis, panes elétricas no metrô, usuários na via, trânsitos incessantes e mudanças repentinas no clima. No fundo da mochila encontro o livro: “O conto da Aia”, romance ficcional de autoria de Margaret Atwood que trata de uma realidade distópica na República de Gilead que visa uma sociedade ancorada nos valores

conservadores e protestantes no século XX. Ao longo do romance não há especificação de uma denominação religiosa, ou seja, não é mencionado o nome de nenhuma igreja. O que autora faz é demonstrar como a República de Gilead está assentada em valores religiosos que se assemelham ao puritanismo, corrente protestante baseada no Calvinismo que possuía regras morais rígidas. Na obra, as mulheres possuem papéis subordinados: as aias têm como fim apenas a reprodução de bebês, são úteros com penas, receptáculos sagrados, cálices ambulantes, as “Marthas” se constituem como governantas e as demais mulheres, de maneira geral, são retratadas em segmentos e em funções específicas para a organização da República de Gilead.

Ler este livro em uma sala de espera de um hospital com atenção voltada à saúde ginecológica começou a assumir um caráter perturbador, ao passo que saí daquele ambiente. Fiquei em pé de frente à porta de entrada posicionada no ângulo exato para que minha companheira me visse ao sair do consultório. Sigo lendo “O conto da aia”, intercalando o peso do meu corpo nas pernas; e entre uma página e outra, observo que do outro lado da Avenida Brigadeiro Luiz Antônio há uma tenda com uma grande faixa convocando os transeuntes para uma vigília pela vida. Tento prosseguir com a leitura, mas logo meu olhar volta a observar aquela tenda com uma pequena aglomeração que foi se formando ao redor de um jovem que veste um terno, entrega panfletos e conversa com as pessoas de maneira eloquente sobre a importância de participarem da vigília pela vida. Decido me aproximar, atravesso a avenida e caminho entre as pessoas. Ouço e recebo o panfleto azul com a foto de um bebê sorridente e a frase “VIGÍLIA 40 DIAS PELA VIDA” com datas e horários. O rapaz com uma retórica evangélica neopentecostal articula afirmações a respeito do lugar do outro lado da avenida nomeado como um hospital, mas que, segundo ele, na verdade é um “centro de assassinato de bebês”.

Sabia da existência dos grupos “pró-vida” que se configuram pela reunião de pessoas que se reivindicam como cristãos e conservadores e que são contra a legalização do aborto e se autointitulam a favor da vida desde o momento da fecundação, mas desconsideram a vida da pessoa gestante. Os grupos “pró-vida” podem ser encontrados confrontando atos pela legalização do aborto e nas imediações de hospitais com características de centros de atendimento ginecológico. A descriminalização do aborto é uma pauta histórica dos movimentos feministas em todo o mundo. Mulheres cis e homens trans lutam para que o Estado deixe de legislar sobre seus corpos. O Manifesto 343 escrito pela filósofa Simone de Beauvoir, e publicado na revista *Le Nouvel Observateur* em 1971, trouxe 343 relatos de mulheres que abortarão mesmo estando em território francês, quando este ato se caracterizava como crime. Contudo, quando 343 mulheres afirmam que abortarão, novas questões começam a surgir como as que a revista *Chalie Hedbo* fez. Quem são os 343 homens que engravidarão estas mulheres? Ou quem são os 343 médicos que realizarão estes abortos? O problema estava posto, esta era uma realidade na sociedade francesa que mesmo com a criminalização acontecia. Em 1975 o aborto foi legalizado em território francês. O que a experiência do manifesto nos deixa é o tratamento do problema do aborto como algo que acontece e provavelmente sempre irá acontecer, mulheres cis e homens trans abortam e isso não deve ser tratado como crime e sim como problema de saúde pública.

Cabe observar os casos recentes de negação ao aborto de crianças estupradas no Brasil e a participação ativa desses grupos em frente aos hospitais. Ao passo que, a atitude de ouvir aquelas afirmações serviu como uma espécie de exercício, pois,

em outro momento faria o que durante anos o movimento de mulheres feministas me ensinou a fazer, questioná-lo demonstrando as fragilidades de suas certezas. Mas, naquele dia o que me coube foi ouvir aquele rapaz olhar nos olhos em uma tarde abafada, enquanto falava de maneira emocionada sobre a necessidade de os transeuntes apoiarem presencialmente e financeiramente o movimento que ele defendia como legítimo e necessário. Afinal, a luta que estava sendo encampada ali naquela tenda era da mais alta importância, era a luta pela vida.

Após minutos ouvindo e observando aquele jovem, já dentro do ônibus a caminho de casa, me questionava até que ponto a ficção de Margaret Atwood tinha rompido o espaço literário e se embaralhado com a vida real. Os valores patriarcais e misóginos da sociedade ficcional da República de Gilead não eram apenas representação, eles são experienciados cotidianamente em sociedades como a brasileira, com altos índices de feminicídio, estupros, violência de gênero e morte em decorrência de complicações de abortos realizados em clínicas clandestinas. Dados obtidos em uma nota técnica sobre estupro no Brasil no ano de 2014 produzida para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apresenta os seguintes dados: 88,5 % das vítimas de estupro são do gênero feminino, mais da metade delas tem menos de 13 anos, 46% não haviam completado o ensino fundamental, 51% havia se auto declarado como pretas e pardas. Estes dados demonstram a profundidade do problema do estupro no Brasil a observar a situação das meninas e mulheres pretas, pardas e pobres.

As experiências vividas tanto na tenda “pró-vida” quanto na literatura, se relacionam desse modo com a ideia de fabulação feminista defendida por Barr (1992) ao afirmar que se deve substituir ficção feminista por fabulação feminista. Para isso a autora usa como exemplo a pintura “Isto não é um cachimbo” do surrealista belga, René Magritte, negando o caráter de ficção da ficção científica feminista. Esta mudança de paradigma, encontra sustentação na defesa do potencial subversivo desse tipo de literatura, para Marllen S. Barr (1992) as fabulações feministas são catalisadoras das mudanças sociais.

A autora parte da elaboração de Thomas Kuhn (2001) com a concepção de mudanças de paradigmas na ciência normal, conceito desenvolvido na obra: “A estrutura das revoluções científicas” (2001) que define o paradigma como; “um conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas de diferentes teorias nas suas aplicações conceituais, instrumentais e na observação”, ou seja, paradigmas se constituem por “características abstratas específicas que tornam essas soluções permanentes” (KUHN, 2001, p.67).

Portanto, paradigmas não são como um conjunto de regras, mas funcionam como um modelo do conhecimento que no transcorrer do tempo espaço é modificado. Com isso, a autora defende a substituição de ficção científica quando esta for escrita por mulheres, para fabulação. Isso porque a ficção científica guarda os paradigmas sexistas, isto é, as fantasias escritas por homens guardam vícios na construção dos personagens e na lógica organizacional das sociedades ficcionais que se distanciam das fabulações escritas por mulheres.

Esta alteração no modo de pensar a categoria literária, partiu do esforço de Marllen S. Barr (1992) de compreender a ausência de interesse de suas alunas por ficção científica, de modo que ao interpelá-las sobre a baixa procura por sua disciplina constatou que, as fantasias de poder existentes nessas obras de ficção científica escritas por homens revelam velhos paradigmas sexistas sobre o mundo a qual não interessava suas alunas. Segundo a autora, as escritoras feministas de

ficção científica abordam o fantástico para criar nomes para problemas que não tem nome. Portanto, as fabulações feministas ao nomearem movimentos de poder experienciado por mulheres se configuram como este catalisador que reúne as experiências cotidianas como elementos químicos a fim de nos apresentar aquilo que a sociedade normaliza sobre as mulheres.

Com isso, o que aproxima e distancia a República Federativa do Brasil, da República de Gilead é o seu caráter fabulatório. O Brasil assim como Gilead é uma fabulação. Há quem o fantasie como “a terra que tudo dá”, como solo fértil, livre de racismo, eventos tectônicos e violência, já para outras pessoas o Brasil se configura como resultado de um processo de invasão, roubo e extermínio, de modo que a violência e o racismo são como elementos constituintes da República brasileira.

Quando Margaret Atwood escreveu “O conto da aia” em 1985, ela fabulava uma República composta por uma sociedade ancorada no conservadorismo, cristianismo e no saudosismo, por um tempo medido por sinos de igrejas. Gilead nasce após um golpe de estado realizado por milícias cristãs que se autointitulavam como combatentes da corrupção, o território que antes era reconhecido nos mapas como correspondente aos Estados Unidos da América é tomado e renomeado para Gilead, nome que faz referência a uma região nas proximidades do Rio Jordão com elevada altitude e que na mística cristã-judaica corresponde ao monte do testemunho.

No artigo “A representação das mulheres no Conto da aia em Os testamentos. Distopia do presente”, Barros, Barros e Farias (2020) destacam o contexto político, econômico e social em que Margaret Atwood situa a República de Gilead, correspondendo ao governo republicano da gestão Ronald Reagan, conhecido por medidas conservadoras de maior controle do corpo social e de redução do estado de bem-estar social. As referências para fabular esta sociedade encontravam exemplos na realidade. Com isso, a substituição de ficção científica feminista por fabulação encontra na obra “O conto da aia” um exemplo de sua aplicação.

A fronteira de si na escrita

Ame a si mesmo em todas as coisas, especialmente em suas imperfeições.
(LABOMBE, 2017, p.32)

Ao redigir “Relatar a si mesmo: crítica da violência ética”, Butler (2015) circunscreve a compreensão da ética e da responsabilidade na constituição da vida social. A partir disso, a autora promove um debate acerca dos processos de formação dos sujeitos, orientando-os rumo aos novos panoramas da ética. Em vista disso, resgatamos Butler com sua preocupação com a escrita de si, levando em consideração a importância da ética e do cuidado.

Há uma conexão direta com a perspectiva de Lacombe (2017, p. 111), que podemos traçar quando esta parafraseia Platão: “seja sempre gentil com as pessoas, porque todas lutam uma batalha dura sobre a qual nada sabemos”. Ou seja, todo o cuidado e a ética que Butler se preocupa, Lacombe transcreve em suas páginas.

Lacombe (2017), em “O ano em que morri em Nova York”, por meio da orientação narrativa nos encaminha para um mundo repleto de cotidianos. Um livro que erige em cima da dor de uma suposta traição, uma escrita marcada pela tentativa de sair daquele lugar desconcertante de vitimização. As linhas das dores de Milly são recheadas de situações que encaminham para o amor-próprio após

sentir na pele a crueldade da existência e saber que todos são passíveis de tornar a vida do outro um possível inferno. Mas, foi na roça que Milly renasceu: ela se amou nas beiras da Amazônia e fez do romance um novo território de amor-próprio.

A obra é marcada por um feixe de encaminhamentos e reflexões sobre o amar a si e aos outros. Para além disso, a escrita possui um “que” de borrar fronteiras paradigmáticas do pensamento feminista lésbico. É isso que nas linhas seguintes tentaremos descortinar.

São as peculiaridades do romance que nos colocam em situação de êxtase. Sentado em uma cadeira de plástico no pátio da minha faculdade, foi onde eu tive os melhores encontros com o romance lido. Com os olhos fixos nas linhas que me prendiam a todo instante, às vezes fugia para acompanhar o movimento universitário, mas logo em seguida voltava em momento de imersão. Fissurado pelas contradições e pelas fronteiras que a autora me colocava. Frases chocantes, como se estivesse eu mesmo dentro do avião com a mesma retornando ao Brasil, ouvindo as lamúrias de uma mulher traída, com o coração em pedaços. Dos fiapos em que ela restava, a morte foi pouco para a autora-personagem. O pior da morte foi ter que conviver com a vida. Relembrar os momentos da morte fez da auto ficção um movimento de viscosidade para com o leitor.

Afirmamos de antemão que não propomos trazer aqui um resumo ou uma resenha da obra, tanto que acredito que a mesma tenha que ser lida na íntegra, contemplando sua complexidade e sua grandiosidade. Por isso, as passagens que que por vezes vierem, serão para contribuir para com a nossa proposta de uma conjectura da ficção autobiográfica. Para dar solo a esse momento, chamo a atenção para o que o filósofo Michel Foucault (1992) pensa a respeito da escrita de si.

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha; podemos, pois, propor uma primeira analogia: aquilo que os outros são para o asceta numa comunidade, sê-lo-á o caderno de notas para o solitário (FOUCAULT, 1992, p. 129).

Em um movimento correspondente a este, Ana Faedrich (2015, p. 53) questiona o como é “difícil definir os limites da auto ficção e até onde um escritor pode expor a vida íntima do outro, quando este não deseja isso?”. Isso porque, para Lejeune (2013) é muito embaraçoso uma pessoa ter de falar de si própria. Haja vista, que tanto Faedrich quanto Lejeune estão pensando uma escrita de si fundadas por aquilo que Foucault ressalta nos perigos da solidão.

Um dos momentos germinais de desdobramentos de obras que denotam de um sentido autobiográfico, remonta das investigações de Philippe Lejeune a partir da década de 1970, com a publicação de “O pacto autobiográfico” (MARTINS, 2020). Lejeune (2013) inclina suas questões para com os romancistas franceses, como Serge Doubrovsky, Sartre, Gide, Michel Leiris, Rousseau, Stendhal entre outros. Para tanto, Lejeune (2013, p. 16) propõe que a autobiografia seria “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”.

A auto ficção torna a autobiografia um modo de mudança de paradigma também. Sendo assim, a ficção como proposta de mudança de paradigma na escrita feminista surge como possibilidade de alargamento dessas fronteiras da escrita de

si. A auto ficção, portanto, está imersa no desejo de ultrapassar essas fronteiras que Milly Lacombe está situada, pois ao tecer a narrativa, a autora-personagem carrega consigo a substância de uma escrita constituída de vicissitudes do seu dia-a-dia. Neste ponto, saliento que é

Uma história íntima, cheia de experiências privadas e detalhes específicos, vai, pouco a pouco, saindo do umbigo da narradora para alcançar algo maior: o saber de si via escrita e o cuidado de si pelas palavras, alcançados pela potência que nasce ao contar e ao ouvir histórias. Do começo ensimesmado, o romance caminha para uma construção coletiva, que vai do eu para o outro, deixando-se afetar pelos encontros e pelo que surge quando olhamos para além de nós mesmos (MORAES, 2021, p. 448).

Arrasada pelo mundo e pelas pessoas, a autora-personagem nos leva a uma autorreflexão de nossos atos, conseguindo por meio da escrita de si e dos outros um mecanismo que reverbera a partir da narrativa situada. O mais importante não é se o que a autora-personagem escreveu de fato foi verdadeiramente vivido ou factual: o que se destaca é que pelo movimento proposto por ela há um possível encontro na leitura, uma espécie de viscosidade. Ou seja, uma liga, um limo, que torna possível uma conexão com as letras ali em formatos de palavras e frases.

A gratuidade vivida pela autora-personagem reverbera um mundo composto de extensividade que a existência deva ser contada. É contada em modos de manifestação do fenômeno. Assim, pouco importa se o que está escrito aconteceu de fato. O interessante é a facticidade dos acontecimentos ao redor da trama. Construindo e borrando fronteiras paradigmáticas no pensamento escrito por mulheres.

Nesse ponto, a realidade se encontra com a ficção. O que acreditamos ser fiel é a simbiose entre forma e conteúdo, ou seja, o entrelaçamento entre relato e vida. A forma e o conteúdo nos colocam em posição de leitores participantes da ficção, como se cada autora estivesse contando para nós mesmos. Nesse cenário narrativo, o modo expositivo da trama está calcado nos poros da imaginação. Pensemos claro, em uma imaginação que não esteja aprisionada na consciência e sim, ela esteja jogada no mundo, assim como Sartre (2019) já sinalizou em “A imaginação”.

Salientamos que, o modo como Lacombe esgarça o paradigma da escrita ficcional, muito está atrelado à possibilidade de ultrapassagem da fronteira nos gêneros literários. Os caminhos estão sempre por fazer, e o que nos coloca na fissura desse caminho é justamente a possibilidade de metamorfosear os cenários narrativos. Derivando assim, em mudanças paradigmáticas da escrita de si feita por mulheres.

Quem é Macabéa? Pensando em novos paradigmas com Clarice Lispector

*Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas
continuarei a escrever.
(LISPECTOR, 1998, p.11)*

Rio de Janeiro, meados da década de 1960. É nesse recorte de espaço-tempo que se desenvolve uma das principais narrativas da consagrada autora brasileira Clarice Lispector: “A hora da estrela”. A história se inicia ambientando o leitor ou a leitora na vida de Macabéa, jovem de 19 anos, que sai de Alagoas para o Rio de

Janeiro, e por lá se vê pela primeira vez sozinha após a morte de sua tia, com quem morava anteriormente.

A autora, que durante toda narrativa nos contempla com ponderado lirismo, também nos expõe a dura realidade do cotidiano de Macabéa. Seu corpo, identidade, relações interpessoais e suas perspectivas são duramente colocadas nas palavras escritas por Clarice Lispector. Macabéa, aqui nessa estória, foi lida por nós sob a luz das discussões sobre relações de gênero, que, embora não explicitamente, tange toda a sua trajetória enquanto mulher, jovem, periférica, alagoana e datilógrafa.

“Sou datilógrafa, virgem, e gosto de Coca-Cola” (LISPECTOR, 1998, p.24), é assim que Macabéa se apresenta ao seu futuro namorado. Essas são características que, na sua perspectiva, são as mais importantes e poderiam agregar algum valor ao seu corpo e sua identidade. À primeira vista pode parecer aleatório o fato de que Macabéa citar como uma de suas principais particularidades descritivas o fato de ser virgem. No entanto, ao olharmos para a história da construção do gênero feminino na sociedade, é possível trazer à baila a gênese do valor dessa colocação. A vida de Macabéa, suas palavras e ações refletem e são a experiência de muitas mulheres.

Segundo Beauvoir (2016), a opressão de gênero estabelece múltiplas formas de controle no que é ser mulher. O poder do discurso de controle perante os corpos femininos, isto é, sob sua sexualidade, forma, expressão e identificação, se reproduzem desde sua infância até sua velhice, construindo a mulher como o Outro, o Inessencial perante aquele que se estabelece como o Essencial: o homem.

Não é, todavia, somente nessa passagem que inicialmente se apresenta que podemos olhar as violências que atravessam o corpo de Macabéa e nos identificarmos, mais uma vez, com a realidade que a personagem vive. Em outra passagem, o narrador da história coloca: “... e adianto um fato: trata-se de uma moça que nunca se viu no espelho porque tinha vergonha” (LISPECTOR, 1998, p. 22). Macabéa não sente que seu corpo atende as expectativas de qualquer pessoa. Ela não se sente merecedora nem de seu autorreconhecimento enquanto pessoa, mulher.

Ao longo da narrativa a personagem principal produz uma imagem tão medíocre de si, que, no mais comum dos desejos humanos, ela também se culpa e busca anular-se. É possível notar o peso que qualquer resquício de sexualidade carrega em sua vida a partir do seguinte trecho:

Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava **se sentia culpada sem saber por quê**, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três aves-marias, amém, amém, amém. Rezava, mas sem Deus, ela não sabia nem quem era Ele e, portanto, Ele não existia (LISPECTOR, 1998, p. 34, grifo dos autores).

A descrição das experiências que Macabéa vivia até em seus sonhos não se encontra desconectada das construções e da marginalização que desde a infância passaram os corpos das mulheres no Ocidente. Essa passagem do livro é, desse modo, o retrato do que fora construído a partir de um ideal do que é ser mulher, no qual as mulheres eram “... retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influência positiva

sobre eles” (FEDERICI, 2017, p. 205). Ou seja, aqui podemos perceber que não se trata apenas de como uma mulher era vista, mas, também de como ela deveria ser.

Outro ponto importante acerca disso e que deve ser ressaltado, é a relação de Macabéa com Olímpico, homem que veio a ser seu namorado na trama narrada no livro. A relação que a personagem estabelece com Olímpico merece atenção não tão somente porque isso passa a ser sua única ambição, mas, também porque a partir dessa relação é possível notar, mais uma vez, as violências que interpelam a vida de Macabéa.

O personagem de Olímpico controla, expõe e reafirma a insuficiência de Macabéa a todo instante. Para ele, ela sempre ocupa uma posição de inferioridade, sendo sua inteligência e personalidade desvalorizadas e reprimidas em suas falas. E, mesmo sabendo que com ele estava infeliz, Macabéa insistia em manter a única relação concreta que tinha conseguido desenvolver – mesmo que miseravelmente. “Mas ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor” (LISPECTOR, 1998, p. 44). Olímpico, desse modo, se torna o “centro” da vida de Macabéa, e suas palavras e ações passam a nortear tudo o que ela sente sobre si e sobre o mundo.

Essa premissa é tão ancorada ao desenvolvimento da personagem de Macabéa que, ao ser deixada por seu namorado Olímpico – que a troca por uma de suas colegas de trabalho – ela se vê desnordeada. Assim, desesperadamente a procura de uma direção para sua vida, ela vai atrás de possíveis respostas. Ao se consultar com uma cigana que vivia em sua cidade e prometia-lhe revelar seu futuro, Macabéa tem novamente suas esperanças renovadas, pois, ao ouvir da cigana que encontraria um novo namorado quando dali saísse, seu corpo entra em êxtase. Novamente suas expectativas de felicidade e de vida apoiam-se unicamente na esperança que um provável relacionamento possa trazer.

Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enjeitadinha, você vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar (LISPECTOR, 1998, p. 77).

No entanto, a previsão da cigana não se realiza na história, pois, logo após sair da consulta Macabéa é atropelada e morre. Sobre a narrativa da tragédia, a autora da obra expõe nas linhas finais do livro que “Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma [...] ela estava enfim **livre de si e de nós**” (LISPECTOR, 1998, p. 87, grifo dos autores). Sim, a morte finalmente livrou Macabéa da imagem que Olímpico fazia dela. Ela também, por fim, estava livre de toda culpa e da falta de amor que carregava por si mesma em um corpo que já nem sentia mais que era seu. Lispector (1998) aqui parece construir e nos dar uma pista de um questionamento importante: somente perante a morte Macabéa estava finalmente livre para verdadeiramente construir-se como mulher que é ressignificação, processo, devir, sem origem e sem fim? (BUTLER, 2017).

O fim da história de Macabéa, da mesma forma que o desenvolvimento de sua personagem ao longo da narrativa, nos coloca em frente à urgência de, mais uma vez, refletirmos a condição das mulheres – que se diferem também por cor, raça, sexualidade e outros atravessamentos – na sociedade que há séculos perpetua um modelo patriarcal, machista, racista e heteronormativos nos corpos das mulheres

(BUTLER, 2017; BEAVUOIR, 2016). Pois, é quando estamos conscientes do passado e do presente é que começamos a criar formas efetivas de subverter a realidade que violenta, marginaliza e mata os corpos femininos.

A literatura ficcional de Clarice Lispector, portanto, se aproxima do real, escancarando as violências que Macabéa sofreu, que é similarmente vivida todos os dias por mulheres no Brasil. Aqui, portanto, também é válido questionarmos o sentido de ficção, quando, na verdade, a literatura feita por uma mulher que escreve sobre outra mulher, se encontra e explicita a situação de muitas mulheres. Nos aproximando do sentido de fabulação presente em Barr (1992), colocamos aqui que a escrita literária de mulheres toma o sentido do real e a urgência de relatar sobre essas vivências, fazendo, por isso, extrapolar a ficção. Ao assumir o que a autora coloca como fabulação para endereçar essas narrativas, fazemos uma aproximação com as violências que ocorrem no cotidiano das mulheres.

No entanto, se essa escrita literária coloca o dedo em uma ferida que já sangra há tanto tempo e assume o compromisso de contar aos leitores e leitoras as experiências de ser uma mulher, há ainda outro lado da escrita que clama por esse espaço e por esse compromisso: as escritas e as pesquisas científicas. A escrita encarnada possível feita na literatura de Clarice Lispector também denuncia a necessidade de olharmos para as experiências das mulheres, e, a partir disso, podemos conclamar uma ausência e a necessidade de olhar para o paradigma da objetividade científica masculina, de uma escrita distanciada e irresponsável (HARAWAY, 1995).

A crise vivida pela personagem de Macabéa na obra de Clarice Lispector é uma aproximação com que muitas mulheres vivem ainda hoje no Brasil, trazendo uma urgência de olharmos, escrevermos e pesquisarmos sobre essas experiências. Está colocado, portanto, a exemplo dessa obra, mas também de tantas outras – literárias ou não – um novo paradigma na ciência que deve pensar o corpo (SILVA NETO, 2011), os saberes localizados, as responsabilidades de um fazer e um escrever encarnado (HARAWAY, 1995). Se desde a gênese do projeto da constituição das ciências há a proclamação de um distanciamento intrínseco à objetividade, hoje, a partir da literatura e também das pensadoras feministas, há a reivindicação de uma outra realidade, de um outro fazer científico.

Não queremos uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos submergem no êxtase da simbiose orgânica. Tampouco queremos teorizar o mundo, e muito menos agir nele, em termos de Sistemas Globais, mas precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro (HARAWAY, 1995, p. 16).

O debate que é proposto a partir de Haraway (1995), também nos traz, portanto, esse novo paradigma, que se preocupa em trazer outras perspectivas a partir de uma nova concepção de objetividade científica, construindo um sentido de uma objetividade que é marcada, localizada e construída de maneira horizontal. Nesse sentido, também ressaltamos a necessidade da ocupação do lugar da escrita e da pesquisa científica por mulheres – que durante séculos foi negado e impossibilitado – pois esse movimento também deve possibilitar colocar em evidência as suas experiências.

Para que um novo paradigma se estabeleça é necessária uma ruptura com o que se estabelece anteriormente (KUHN, 2001), e é nesse sentido que a crítica e a reivindicação de Haraway (1995) se estabelecem: é necessário romper com essa ciência distante, de um sujeito universal que nunca se manifesta, da não localização das situações que somos e vivemos enquanto cientistas. Para Haraway (1995), assim como também para grande parte das pensadoras do feminismo ocidental, o imperativo de uma ciência corporificada é também o que dá possibilidade de aproximação das mulheres e de sua realidade vivida no campo da escrita científica.

Eu falarei da escrita feminina: do que ela fará. É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história –, por seu próprio movimento (CIXOUS, 2022, p.41).

Diante dessas reivindicações em evidência expostas pela iminência das mulheres que escrevem, destacamos aqui, portanto, o nascimento de um novo paradigma na ciência ao qual todas e todos que buscam construir um trabalho científico devem estar compromissados.

Considerações Finais

A indagação que permanece como fundo para nossa problemática é: como a mudança de paradigmas pode contribuir para a construção de escritas feministas feitas por mulheres? Kuhn, no pós-fácio de seu livro, “A estrutura das revoluções científicas”, escrito em 1969, salienta a importância da comunidade científica na escrita de teses e na eficácia da natureza científica. Sendo assim, para Kuhn (2013, p. 284) “os paradigmas são algo compartilhado pelos membros de tais comunidades”.

As comunidades, assim como a ciência, se fortalecem pelas contribuições e parcerias seguindo uma temática e uma proposta. A mudança de paradigma emerge, justamente, por ver “semelhanças entre uma variedade de situações” (KUHN, 2013, p. 299). Está em jogo todo um processo de relações de similaridade com o conhecimento, com a ciência, com o objeto e com o fenômeno a ser investigado. Há sempre um problema a ser evidenciado. Não necessariamente a mudança de paradigma irá resultar em um ponto decisivo, mas, o problema ajuda a ver situações como semelhantes.

Nessa linha de pensamento do filósofo estadunidense, aludimos que o conhecimento científico e as fabulações escritas por mulheres estabelecem pontos relacionais. Ou seja, estão na fissura do conhecimento e da linguagem, pois, “o conhecimento científico, assim como a linguagem, é intrinsecamente a propriedade comum de um grupo ou então não é nada. Para entendê-lo, precisamos conhecer as características essenciais dos grupos que o criam e o utilizam” (KUHN, 2013, p. 323).

Desse modo, Donna Haraway (1995) colabora mais uma vez com a nossa proposta, ao dizer que a “objetividade feminista significa, simplesmente, saberes situados” (HARAWAY 1995, p. 18). A senda da auto ficção e da fabulação emerge da importância dos saberes localizados e da aproximação com o conhecimento científico. Escrever obras que remetem a realidade e a proximidade com o cotidiano

das mulheres, reverbera a importância de tal comunidade e de tal grupo para dentro do conhecimento científico.

O desejo pela mudança de paradigma que estabelecemos a partir das autoras mencionadas, refere-se à possibilidade de outro modo de escrita, favorecendo a situacionalidade de cada mulher e cada auto ficção. Por isso, concordamos com Donna Haraway quando ela menciona que “a ciência foi utópica e visionária desde o início; esta é uma das razões pelas quais nós precisamos dela” (HARAWAY 1995, p. 25). Por isso, é necessário que tenhamos mais mulheres compromissadas e visionárias no solo das fabulações e das ciências, usufruindo da imaginação como fonte inesgotável e necessária na mudança dos paradigmas que ainda virão por seguinte.

A fabulação se constrói e se desenvolve no entrelace, e, mais do que isso, na convocação da vida na escrita. Situa-se aqui, portanto, o rompimento com o paradigma de um fazer científico que se exime e não se compromete com o que a literatura de mulheres – de dentro e para além da ciência – clama para si: a vida.

Referências

ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BARR, Marleen S. *Feminist fabulation: space/postmodern fiction*. Iowa: University of Iowa Press, 1992.

BARROS, Marisa Aparecida Loures de Araújo; BARROS, Marcos Paulo de Araújo; FARIAS, Alexandre Graça. A representação da mulher em *O conto da aia* e em *Os testamentos*: distopias do presente. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 165-176, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo: fatos e mitos*. vol. I, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de Santa Cruz. *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da saúde*. Brasília: IPEA, 2014. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5780/1/NT_n11_Estupro-Brasil-radiografia Diest 2014-mar.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5780/1/NT_n11_Estupro-Brasil-radiografia_Diest_2014-mar.pdf) Acesso em: 22 ago. 2022.

CIXOUS, Helène. *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento Feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários: Revista de Literatura*, Araraquara, n. 40, p. 45-60, 2015.

FEDERECI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GERGEN, Kenneth J. A crítica feminista da ciência e o desafio da epidemiologia social. In: GERGEN, Mary Mc Canney (ed.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução de Ângela Melin. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Edunb, 1993.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARDING, Sandra. A instabilidade das Categorias Analíticas na Teoria Feminista. *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 7-31, 1993.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LACOMBE, Milly. *O ano em que morri em Nova York: um romance sobre amar a si próprio*. São Paulo: Planeta, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PAIVA, Mirian Santos. Teoria feminista: O desafio de tornar-se um paradigma. *R. Bras. Enferm.* Brasília, v. 50, n. 4, p. 517-524, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2019.

SILVA NETO, Sértorio de Amorim. O que é um paradigma? *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 45, n. 2, p. 345-354, 2011.

SIMON, Luiz Carlos. *Duas ou três páginas despreziosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: Eduel, 2011.

Recebido em: 08/2023

Aprovado em: 10/2023